

SOFRIMENTO PSÍQUICO DE UNIVERSITÁRIOS NO PÓS-PANDEMIA DE COVID-19: UMA LEITURA SARTRIANA

PSYCHIC SUFFERING OF UNIVERSITY STUDENTS IN THE COVID-19 POST-
PANDEMIC PERIOD: A SARTREAN READING

SUFRIMIENTO PSÍQUICO DE UNIVERSITARIOS EN LA POSPANDEMIA DE
COVID-19: UNA LECTURA SARTREANA

Daniel Dal Farra¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6322

Recibido: 20/06/2026 | Aceptado: 13/07/2026 | Publicación en línea: 24/07/2026.

RESUMO

Fundamentado na fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre, o presente estudo investiga o sofrimento psíquico de estudantes universitários no período pós-pandêmico de COVID-19, à luz dos conceitos de projeto de ser, campo de possíveis, serialidade, grupo em fusão e universal singular. A partir de uma metodologia descritiva, utilizou-se a revisão integrativa da literatura. A coleta de dados foi dirigida a estudos publicados entre 2022 e 2026, indexados nas bases SciELO, LILACS e PePSiC, dos quais foram selecionados 11 artigos. A pesquisa discute a diferença epistemológica entre a perspectiva biomédica, que reduz o sofrimento a sintomas mensuráveis, e a leitura fenomenológica sartriana, que o compreende como resposta existencial à retração do campo de possíveis diante da crise sanitária. Diante desse pressuposto, os achados evidenciam que o isolamento imposto pelo ensino remoto instaurou uma coletividade serial marcada pela solidão e pela mediação tecnológica, cujos efeitos persistem mesmo após o retorno às atividades presenciais e o fim da emergência sanitária. A formação de grupos em fusão, sustentada por redes de apoio institucionais e vínculos entre pares, emerge como via de superação dessa serialidade, devolvendo ao estudante a práxis comum e a reabertura do seu campo de possíveis. Conclui-se que o enfrentamento desse sofrimento exige políticas institucionais que superem abordagens medicalizantes e reconheçam as desigualdades de gênero, raça e condição socioeconômica, havendo necessidade de mais estudos qualitativos e longitudinais sobre a vivência subjetiva do estudante.

Palavras-chave: Sofrimento Psíquico. Estudantes Universitários. COVID-19. Fenomenologia Existencial.

ABSTRACT

Grounded in Jean-Paul Sartre's existential phenomenology, the present study investigates the psychic suffering of university students in the COVID-19 post-pandemic period, in light of the

¹ Graduado em Psicologia, Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, Santa Catarina, Brasil. E-mail: dandalfarra.psi@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4447-289X>

concepts of project of being, field of possibles, facticity, seriality, group-in-fusion, and the singular universal. Adopting a descriptive methodology, an integrative literature review was carried out. Data collection targeted studies published between 2022 and 2026, indexed in the SciELO, LILACS, and PePSiC databases, from which 11 articles were selected. The study discusses the epistemological difference between the biomedical perspective, which reduces suffering to measurable symptoms, and the Sartrean phenomenological reading, which understands it as an existential response to the retraction of the field of possibles in the face of the health crisis. Building on this premise, the findings show that the isolation imposed by remote teaching instituted a serial collectivity marked by loneliness and technological mediation, whose effects persist even after the return to in-person activities and the end of the public health emergency. The formation of groups-in-fusion, sustained by institutional support networks and peer bonds, emerges as a way of overcoming this seriality, restoring to students the possibility of common praxis and of reopening their field of possibles. It is concluded that addressing this suffering requires institutional policies that move beyond medicalizing approaches and acknowledge inequalities of gender, race, and socioeconomic status, and that further qualitative and longitudinal studies on students' subjective experience over time are needed.

Keywords: Psychic Suffering. University Students. COVID-19. Existential Phenomenology.

RESUMEN

Fundamentado en la fenomenología existencial de Jean-Paul Sartre, el presente estudio investiga el sufrimiento psíquico de estudiantes universitarios en la pospandemia de COVID-19, a la luz de los conceptos de proyecto de ser, campo de posibles, facticidad, serialidad, grupo en fusión y universal singular. A partir de una metodología descriptiva, se utilizó la revisión integrativa de la literatura. La recolección de datos se dirigió a estudios publicados entre 2022 y 2026, indexados en las bases SciELO, LILACS y PePSiC, de donde se seleccionaron 11 artículos. La investigación discute la diferencia epistemológica entre la perspectiva biomédica, que reduce el sufrimiento a síntomas mensurables, y la lectura fenomenológica sartreana, que lo comprende como respuesta existencial a la retracción del campo de posibles frente a la crisis sanitaria. Ante este presupuesto, los hallazgos evidencian que el aislamiento impuesto por la enseñanza remota instauró una colectividad serial marcada por soledad y mediación tecnológica, cuyos efectos persisten después del retorno a las actividades presenciales y el fin de la emergencia sanitaria. La formación de grupos en fusión, sostenida por redes de apoyo institucionales y vínculos entre pares, emerge como vía de superación de la serialidad, devolviendo al estudiante la praxis común y la reapertura de su campo de posibles. Se concluye que el enfrentamiento exige políticas institucionales que superen enfoques medicalizantes y reconozcan las desigualdades de género, raza y condición socioeconómica, siendo necesarios más estudios cualitativos y longitudinales sobre la vivencia subjetiva del estudiante.

Palabras clave: Sufrimiento Psíquico. Estudiantes Universitarios. COVID-19. Fenomenología Existencial



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 provocou um aumento expressivo nos níveis de sofrimento psíquico em escala mundial. Estimativas globais indicam um aumento de 28% nos casos de transtorno depressivo maior e de 26% nos casos de transtornos de ansiedade apenas no primeiro ano da crise sanitária, com impacto mais acentuado entre mulheres e pessoas jovens (Santomauro *et al.*, 2021; Organização Mundial da Saúde [OMS], 2022). Neste cenário de instabilidade global, os estudantes universitários figuraram entre os grupos mais afetados (Valduga *et al.*, 2023). A transição repentina para o ensino remoto, o fechamento emergencial dos campi, o distanciamento social e o bloqueio abrupto das perspectivas profissionais inseriram esses jovens em um contexto de severas incertezas (Cantele *et al.*, 2024), manifestado por episódios de ansiedade, estresse, depressão e ideação suicida.

Em 5 de maio de 2023, a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19 (Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2023). Essa declaração, contudo, não correspondeu ao encerramento automático dos efeitos nocivos e duradouros da crise sobre a população universitária. A maior parte da produção científica sobre o tema permanece concentrada no período mais agudo da pandemia (2020-2021), restando pouco compreendido o modo como esses efeitos se transformam, persistem ou se agravam no período pós-pandêmico (Valduga *et al.*, 2023). Essa lacuna reforça a urgência de investigar o estado atual do sofrimento psíquico dos discentes e como as contingências vivenciadas reconfiguraram suas perspectivas de futuro. O retorno às aulas presenciais e as demandas de readaptação ao convívio acadêmico inauguraram, nesse sentido, novos estressores ainda pouco explorados pela literatura.

Para compreender esse adoecimento contemporâneo para além de uma perspectiva biomédica ou nosológica, a presente análise adota a noção de sofrimento psíquico, e não a categoria de transtorno mental, como unidade de análise, mobilizando para tanto a ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre. Em sua dimensão ontológico-individual, especialmente em *O ser e o nada* (1943/1997) e em *Questão de método* (1957/1979), Sartre concebe o indivíduo como um ser histórico e dialético que se constrói continuamente em situação, a partir de três noções articuladas: a facticidade, condição material e histórica inelutável na qual o sujeito é lançado; o campo de possíveis, o horizonte de alternativas ainda abertas a partir dessa condição; e o projeto de ser, o movimento pelo qual o sujeito transcende sua facticidade ao se lançar para o futuro. Na experiência universitária, é a dimensão do futuro que funda o sentido existencial mais

autêntico do estudante (Cantele *et al.*, 2024), o que confere à retração desse horizonte, fato agravado pela pandemia, uma relevância ontológica, e não apenas epidemiológica.

Em sua dimensão histórico-social, desenvolvida na Crítica da Razão Dialética (1960/2002), Sartre oferece ainda os conceitos de serialidade (uma coletividade de indivíduos reunidos, porém isolados entre si pela mediação de um objeto externo e inerte) e de grupo em fusão, sua superação dialética, quando a pluralidade de solidões se dissolve em uma práxis comum diante de uma ameaça ou um sofrimento compartilhado. O ensino remoto emergencial e o isolamento social prolongado podem ter instaurado precisamente essa coletividade serial entre os universitários, ao passo que as redes de apoio institucionais e o anseio pelo retorno presencial apontam para a busca, ainda em curso, de sua superação.

Por fim, a categoria do universal singular permite articular essa leitura à dimensão das desigualdades estruturais: cada estudante interioriza a universalidade de seu tempo histórico (a pandemia, a pressão de desempenho acadêmico, o sucateamento educacional) a partir de condições materiais e interseccionais particulares. É essa mesma dialética que a literatura epidemiológica descreve, em outros termos, ao apontar que a crise não atingiu a totalidade dos acadêmicos de forma homogênea, mas de modo mais incisivo entre alunas mulheres e estudantes de baixa renda (Alvarenga *et al.*, 2023), assim como entre estudantes autodeclarados pretos ou pardos (Cantele *et al.*, 2024) e minorias sexuais.

Diante desse panorama, sistematizar as evidências empíricas recentes torna-se uma tarefa científica imperativa para que as universidades possam balizar ações efetivas de acolhimento. A presente pesquisa tem como pergunta norteadora: quais são os principais achados da literatura científica sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários no período pós-pandêmico da COVID-19, e como esses achados podem ser compreendidos à luz do pensamento sartriano?

Para responder a essa indagação, o objetivo geral deste estudo é sintetizar a produção científica sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários no período pós-pandêmico da COVID-19, analisando os achados à luz do pensamento sartriano. Como desdobramento metodológico, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: identificar os desfechos de saúde mental e os fatores de risco e de proteção associados, evidenciados nos estudos incluídos; analisar os achados evidenciados à luz dos conceitos sartrianos já apresentados; e apontar as lacunas do conhecimento científico sobre o tema, com vistas a subsidiar a realização de pesquisas futuras.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, orientada pelas cinco etapas propostas por Whitemore e Knafl (2005): identificação do problema e dos objetivos, busca na literatura, avaliação dos dados, análise comparativa e apresentação da síntese. Adotou-se como referencial teórico exclusivo a fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre (1943/1997, 1957/1979, 1960/2002). A escolha se justifica por dois motivos: o pensamento sartriano articula, em um único sistema conceitual, a dimensão subjetiva do sofrimento e sua dimensão histórico-social, sem reduzir um polo ao outro e elucidando questões que os referenciais estritamente biomédicos não oferecem, como a alternância vivida pelos universitários entre o isolamento do ensino remoto e a busca por reconexão no retorno presencial.

A identificação e seleção dos estudos ocorreram mediante busca nas bases SciELO, LILACS e PePSiC, realizada em maio de 2026, a partir de equação de busca estruturada ². Foram incluídos estudos empíricos primários (quantitativos, qualitativos ou mistos), disponíveis na íntegra em português ou inglês, publicados entre 2022 e 2026, com estudantes universitários (graduação ou pós-graduação) como público-alvo e cuja coleta de dados tivesse ocorrido a partir de 2022. Esse marco corresponde ao fim da fase mais aguda da pandemia (2020-2021) e à retomada progressiva das atividades presenciais nas universidades, não coincidindo com a declaração oficial de encerramento da ESPII pela OMS, em maio de 2023. Foram excluídos artigos de revisão, estudos voltados a outras populações e pesquisas cuja coleta de dados, ainda que publicadas a partir de 2022, ocorreu durante a fase aguda.

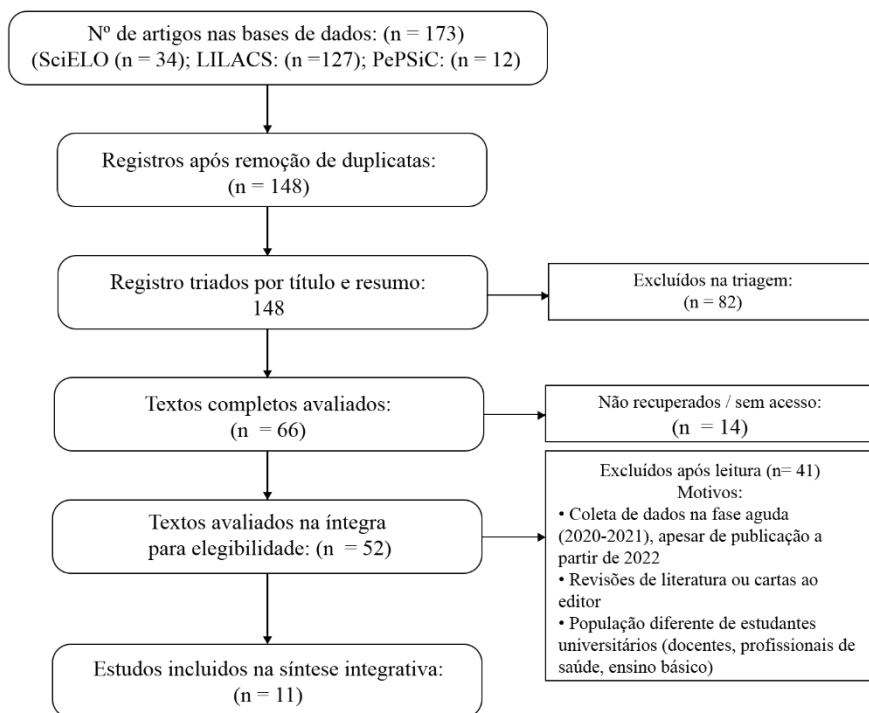
A busca resultou em 173 registros brutos (34 no SciELO, 127 no LILACS e 12 no PePSiC). Após a remoção de duplicatas, 148 registros foram triados por título e resumo, resultando em 66 estudos elegíveis; destes, 52 foram lidos na íntegra (14 não puderam ser recuperados) e 41 foram excluídos por não atenderem aos critérios, majoritariamente pelo período da coleta. A amostra final totalizou 11 estudos (Figura 1).

Os dados extraídos foram lidos de forma analítica e comparativa, organizando-se em três eixos temáticos que estruturam a seção seguinte: o sofrimento psíquico como ameaça ao projeto de ser; o isolamento como serialidade e a necessidade do grupo em fusão; e o estudante como universal singular e a dialética do adoecimento. De modo complementar e não sistemático, a

² Equação de busca: ("saúde mental" OR "sofrimento psíquico") AND ("estudantes universitários" OR "estudantes de graduação" OR "estudantes de pós-graduação") AND ("COVID-19" OR "pandemia de COVID-19" OR "pós-pandemia" OR "pós-pandêmico").

discussão teórica incorporou literatura de apoio identificada durante a leitura dos 11 estudos (Tabela 1), com a finalidade de aprofundar o diálogo com o referencial sartriano.

Figura 1: Fluxograma de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos.



Fonte: elaborada pelo autor (2026)

Tabela 1: caracterização dos artigos selecionados

Autor	Ano	Título	Revista
ALBUQUERQUE, Roberto Nascimento de	2023	Prevalência da nomofobia entre acadêmicos de Enfermagem	<i>HU Revista</i>
ALVES, Bruna de Oliveira	2024	Afetividades negativas em universitários e relação com desempenho acadêmico e perspectiva profissional após a COVID-19	<i>Revista Brasileira de Enfermagem</i>
BALDASSARINI, Caíque Rossi	2025	Estressores e facilitadores na adaptação de mestrandos e doutorandos à pós-graduação	<i>Vínculo</i>
BIANCHI, Gisele Carolina	2025	Fatores associados aos transtornos mentais comuns, risco suicida e uso de estimulantes em estudantes universitários	<i>Revista Brasileira de Enfermagem</i>
LIRA, Lorena do Rosário	2024	Efeitos da Pandemia de COVID-19 em Amostra de Universitários da Saúde no Norte do Brasil	<i>Revista de Psicologia e Saúde</i>
MENA, Anna Laura Semeão	2026	Estratégias de enfrentamento e fatores da ideação suicida pós-pandemia em estudantes de enfermagem	<i>Revista Brasileira de Enfermagem</i>
MOURA, Caroline de Castro	2025	Características definidoras preditoras de transtornos mentais em estudantes de graduação na era pós-COVID-19: estudo multicêntrico transversal	<i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i>
OLIVEIRA, Eliany Nazaré	2023	Transtorno de estresse pós traumático e fatores protetores da saúde mental durante o contexto pandêmico	<i>Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR</i>

RODRIGUES, Yara Martins	2025	Depressão, ansiedade e estresse em universitários e relação com fatores sociodemográficos e psicossociais pós-COVID-19	<i>Cogitare Enfermagem</i>
SILVA, Emanuela Pap da	2025	Sofrimento psíquico e fatores associados em estudantes universitários	<i>Cadernos Saúde Coletiva</i>
VALLADARES-TORRES, Ana Cláudia Afonso	2025	Experiências de Arteterapia com universitários no pós-pandemia	<i>REVISA</i>

Fonte: elaborada pelo autor (2026)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise da literatura selecionada, os resultados desta pesquisa foram organizados em três eixos temáticos que articulam o pensamento sartriano, em suas vertentes ontológico-individual e histórico-social, aos achados empíricos sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários no período pós-pandêmico.

O Sofrimento Psíquico como Ameaça ao Projeto de Ser

Os achados da literatura incluídos nesta revisão evidenciam que a pandemia da COVID-19 provocou impactos profundos no sofrimento psíquico dos estudantes universitários, elevando drasticamente a prevalência de ansiedade, depressão e estresse. Conforme apontam Oliveira *et al.* (2023), o início da crise sanitária ocasionou a ruptura abrupta da rotina e o atraso no cronograma dos cursos, afetando a estabilidade emocional dos discentes. Validando essa percepção empírica, estudos epidemiológicos de suporte, como o de Maia e Dias (2020), confirmam um aumento substancial nas perturbações psicológicas dessa população em comparação aos anos anteriores. A ontologia fenomenológica de Sartre permite interpretar esse sofrimento como resposta a um mundo que teve suas vias de futuro reduzidas.

A eclosão da pandemia operou como uma facticidade impositiva (Sartre, 1997), em que os estudantes viram-se obrigados a assumir uma nova realidade objetiva, marcada pelo isolamento social e pela transição emergencial para o ensino remoto (Silva; Rosa, 2021). Expandindo essa leitura em população adjacente, Ricardo e Boris (2026), em estudo sobre a experiência de adolescentes brasileiros durante a pandemia, argumentam que a crise sanitária se configurou como uma nova estrutura de situação, na qual a restrição do convívio coletivo e o espectro da finitude alteraram radicalmente a relação do jovem com o mundo concreto e com os outros. Guardadas as diferenças entre as faixas etárias, essa leitura ilumina por analogia a

experiência dos universitários mais jovens desta revisão.

Embora condicionado por sua facticidade, o ser humano a transcende continuamente em direção a um campo de possíveis (Sartre, 1979). Contudo, a literatura demonstra que esse campo sofreu uma retração drástica. Corroborando essa retração na dimensão profissional, Alves *et al.* (2024), em amostra de 585 universitários de Viçosa (MG), identificaram que a piora autopercebida do desempenho acadêmico e das perspectivas profissionais associou-se a níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse, sendo a ansiedade severa a condição clínica mais prevalente (42,6%). Um estudo correlato conduzido em contexto universitário semelhante (Cantele *et al.*, 2024) destaca, na mesma direção, que o cancelamento de estágios, as dificuldades financeiras e as incertezas transformaram as expectativas de futuro, tradicionalmente vislumbradas como oportunidades, em um horizonte permeado por desesperança. Validando essa constatação, um estudo de apoio de desenho longitudinal (Alvarenga *et al.*, 2023) aponta que a insegurança quanto à progressão acadêmica e a quebra da rotina foram estressores centrais.

Essa retração afeta o cerne da realidade humana: o projeto de ser. Desenvolvendo a ideia de que o sujeito constrói a si mesmo ao se lançar para o futuro, um estudo de apoio (Cantele *et al.*, 2024, p. 9) reconhece textualmente, amparado em Schneider (2011), que "o impedimento da realização do projeto de ser, na perspectiva sartriana, está na base de boa parte do aumento dos sofrimentos psíquicos". Aprofundando essa tese, Ricardo e Boris (2026) explicam que, ao perceber-se impedido de vivenciar sua liberdade devido ao confinamento, o jovem sente seu projeto vedado, o que bloqueia o seu "ser-para-si" no mundo.

Sob essa lente, a explosão de quadros sintomáticos expressa não uma desordem orgânica, mas o confronto existencial com o esgotamento das possibilidades. Essa intensidade é corroborada por Lira, Ferreira e Carvalho (2024): mesmo em uma amostra de 55 universitários da saúde com hábitos de vida considerados saudáveis, um terço (32,7%) apresentava depressão moderada e quase um quarto (23,6%) em nível severo, evidenciando que hábitos protetivos não bastam, por si só, para conter o esvaziamento das perspectivas de futuro. Em amostra multicêntrica de 2.349 graduandos de quatro universidades mineiras, Moura *et al.* (2025) identificaram treze características definidoras preditoras de ansiedade, quinze de estresse, onze de depressão e quinze de transtorno de estresse pós-traumático, além de frustração em 91,5% dos estudantes com quadro depressivo, associada às aulas remotas e à interrupção de atividades de pesquisa e extensão, o que reforça a multideterminação do sofrimento psíquico universitário pós-

pandêmico.

Como adverte a literatura complementar (Costa; Mendes, 2021), o sofrimento psíquico não deve ser analisado apenas pela via da patologia, mas como a totalidade do indivíduo inserido em seu tempo: a ansiedade elevada manifesta-se como reação a um futuro que se tornou incerto, e o quadro depressivo, como o esgotamento vivenciado quando o desejo de transcender encontra uma barreira opaca. Conforme reflete Sartre (1979), por mais reduzido que seja o campo de possibilidades, ele continua no horizonte do sujeito, traduzindo-se ora em resistência, ora em adoecimento decorrente da desesperança.

Do Isolamento como Serialidade à Necessidade do Grupo em Fusão

A transição emergencial para o ensino remoto e o isolamento social atuaram como fatores de risco para o sofrimento psíquico dos universitários. Conforme aponta Cordeiro (2020), a utilização exclusiva de tecnologias digitais e plataformas de videoconferência gerou, em muitos casos, um ensino conteudista e instrucionista, exacerbando o cansaço e a ausência de interação social. Corroborando esse achado, uma revisão integrativa brasileira (Barros *et al.*, 2021) evidencia que a falta de interação social diante do distanciamento obrigatório esteve associada ao aumento de relatos de adoecimento psíquico entre universitários.

Validando essa constatação em população específica, Albuquerque, França e Camargo (2023) identificaram, entre 271 acadêmicos de Enfermagem, um nível moderado de nomofobia (o temor patológico de permanecer desconectado do smartphone), sendo os estudantes que ingressaram na universidade no auge da pandemia os que apresentaram os escores mais elevados. O achado é um indício de que a mediação tecnológica compulsória imposta pelo isolamento social pode ter se convertido em uma relação ambivalente e patologizada com o próprio dispositivo que deveria mediar o contato com o outro, uma espécie de fixação residual na serialidade mesmo após o retorno às atividades presenciais.

Esse distanciamento imposto pela dinâmica remota não é apenas um problema pedagógico, mas, à luz da fenomenologia sartriana, pode ser compreendido ontologicamente como a instauração de uma serialidade: uma forma de agrupamento pautada na "pluralidade de solidões", na qual os indivíduos encontram-se juntos, mas sua união é mediada por um objeto externo e inerte, o campo prático-inerte, que lhes impõe isolamento e alienação (Sartre, 1960/2002).

Durante a pandemia, o ambiente virtual de aprendizagem operou exatamente como esse mediador externo: os estudantes estavam conectados nas mesmas salas de aula on-line, submetidos às mesmas tarefas e mediados pelas mesmas telas, porém separados uns dos outros em suas casas, vivenciando uma reciprocidade negativa. A literatura de apoio corrobora essa perspectiva ao afirmar que o mundo do prático-inerte "exige que os homens vivam juntos com os outros em estado de solidão" (Freitas, 2018, p. 153), transformando os universitários em indivíduos seriais cujas relações foram reduzidas a conexões tecnológicas esvaziadas do sentido orgânico de comunidade.

Contudo, essa mediação tecnológica não se revela unicamente seriante. Bianchi e Miasso (2025), ao investigarem 190 universitários de uma universidade pública, verificaram que sentir-se satisfeito com a própria vida ao acessar redes sociais configurou-se como fator de proteção contra transtornos mentais comuns, sugerindo que as plataformas digitais podem operar não apenas como campo prático-inerte alienante, mas também como ferramenta de enfrentamento do isolamento físico e de sustentação de vínculos interpessoais. Essa nuance qualifica, sem invalidar, a leitura serial do ambiente virtual: a tecnologia parece oscilar, a depender do uso e do contexto relacional, entre a função de mediador inerte da série e a de ponte para a reciprocidade.

A manutenção prolongada da serialidade é adocedora, pois paralisa a dialética das relações interpessoais. É neste ponto que as estratégias de proteção e as intervenções psicossociais, relatadas nos estudos de base, ganham relevância existencial ao impulsionarem a formação do grupo em fusão, ruptura imediata da serialidade que ocorre quando a pluralidade de solidões se dissolve em prol de uma práxis comum diante de uma ameaça ou um sofrimento compartilhado (Sartre, 1960/2002).

No cenário pandêmico e pós-pandêmico, as intervenções de suporte atuaram como catalisadoras dessa fusão. Um estudo de apoio (Correia *et al.*, 2023) demonstra que práticas orientadas para o cuidado em saúde mental, como atendimentos psicológicos remotos, grupos virtuais de escuta e aconselhamento psicopedagógico, mostraram-se fundamentais na prevenção de efeitos negativos como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. Essa função é coerente com a proposta teórica de Farias (2026), para quem a clínica psicológica contemporânea pode operar como espaço de interrupção da série e de reaparição do comum, reinscrevendo o sofrimento individual no campo da palavra e da relação partilhada.

Corroborando a centralidade do vínculo já no contexto pós-pandêmico, Baldassarini *et al.* (2025), em estudo qualitativo com 14 mestrados e doutorandos, identificaram o apoio social de

colegas e o bom relacionamento com o orientador como os facilitadores mais relatados à adaptação na pós-graduação, ao passo que a percepção da pós-graduação como processo solitário emergiu entre os próprios estressores relatados: "eu sinto mais como uma coisa solitária [...] eu por eu mesma na minha coleta de dados, na minha escrita do meu projeto" (Baldassarini *et al.*, 2025, p. 5), ilustração da experiência serial à qual se contrapõe o apoio do grupo de pesquisa como via de reciprocidade.

Um exemplo concreto dessa (re)fusão grupal em ato, categoria proposta por Vasconcellos (2026) a partir da práxis de movimentos sociais, é oferecido por Valladares-Torres e Amorim (2025), que relatam uma sequência de seis encontros de Arteterapia com 50 universitários de Enfermagem no pós-pandemia. Ao longo dos encontros, que incluíram a narrativa da própria história de vida e a construção coletiva de um "jardim coletivo", os participantes relataram a criação de vínculos positivos entre o grupo de pares, o acolhimento mútuo e a sensação de pertencimento, mesmo partindo de sentimentos negativos como cansaço, estresse, solidão e ansiedade. A experiência ilustra, de modo quase paradigmático, a passagem sartriana da serialidade, marcada pela solidão inicial relatada pelos participantes, à práxis comum do grupo em fusão, construída ativamente por meio da linguagem artística compartilhada.

Essa premência da vivência no grupo em fusão também aparece nos dados sobre o retorno às atividades presenciais. Baldassarini *et al.* (2025) destacam a readaptação relacional (a necessidade de retomar o convívio e reconstruir vínculos de grupo) como um dos maiores desafios enfrentados pelos estudantes nesse período, evidenciando a urgência de dissolver a passividade inerente à série. A dimensão social, conforme também argumenta um estudo correlato, é "tão crucial para nossa constituição como sujeitos e que nos foi privada pela condição pandêmica, levando-nos a experimentar os limites da ausência da sociabilidade" (Cantele *et al.*, 2024, p. 9).

Portanto, a análise fenomenológica permite concluir que os grupos de escuta (Correia *et al.*, 2023), o apoio de pares e orientadores (Baldassarini *et al.*, 2025) e o anseio pelo retorno presencial (Valladares-Torres; Amorim, 2025) superam a condição de meras estratégias de mitigação de danos: trata-se, ontologicamente, do movimento de um coletivo que luta para superar a reificação imposta pelo distanciamento. O papel das universidades no período pós-pandêmico passa, assim, pela responsabilidade de fomentar espaços sociais de grupos em fusão, promovendo um acolhimento que reative a práxis livre e o amparo mútuo como principais escudos contra o sofrimento psíquico.

O Estudante como Universal Singular e a Dialética do Adoecimento

A pandemia não afetou o sofrimento psíquico dos estudantes universitários de maneira homogênea, evidenciando profundas disparidades atravessadas por marcadores sociais e demográficos. Rodrigues *et al.* (2025) revelam que a prevalência de quadros de depressão, ansiedade e estresse foi significativamente mais grave em alunas do sexo feminino, em estudantes autodeclarados pretos ou indígenas e naqueles que dependiam de auxílio estudantil. Ainda neste cenário, Silva *et al.* (2025) identificaram correlação direta e positiva para o rastreio de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre mulheres cisgênero, indivíduos de orientação sexual LGBTQIA+ e universitários com histórico de dificuldades financeiras e de permanência institucional.

Na mesma direção, Bianchi e Miasso (2025) constataram que 71,6% de sua amostra apresentou rastreio positivo para transtornos mentais comuns e que 23,9% apresentava alto risco suicida, sendo esse risco maior entre estudantes sem religião, com histórico de uso de medicamentos sem prescrição médica e consumo de álcool. Lidos à luz do universal singular, esses achados sugerem que a vulnerabilidade ao sofrimento se distribui de modo desigual conforme os recursos simbólicos, materiais e relacionais de que cada estudante dispõe para totalizar a crise em sua própria existência.

De modo convergente, Mena *et al.* (2026), em estudo transversal com 120 estudantes, identificaram que estudantes LGBTQIAPN+ apresentaram quase três vezes mais chance de ideação suicida que estudantes heterossexuais, reforçando que a orientação sexual constitui mais um eixo de particularização dentro da totalização universal da crise sanitária. Além disso, os autores identificaram que estudantes que não perceberam qualquer alteração no próprio rendimento acadêmico após a pandemia apresentaram dezesseis vezes mais chance de ideação suicida do que aqueles que perceberam melhora, e que a ausência de autolesão não suicida esteve associada a cinco vezes mais chance de ideação suicida, achado contraintuitivo que os próprios autores interpretam como evidência de que a ausência de sinais visíveis de sofrimento não implica sua ausência real.

Essa inversão empírica dialoga com a crítica sartriana às leituras puramente sintomáticas do adoecimento: o sujeito que não reconhece, ou não consegue nomear, a retração de seu próprio campo de possíveis pode estar entre os mais vulneráveis, pois a ausência de queixa não é, ontologicamente, ausência de facticidade opressiva. Esses dados confirmam que a crise expõe

iniquidades pré-existentes, tornando equivocada uma análise do adoecimento psíquico desvinculada das condições materiais.

Para fundamentar filosoficamente essa disparidade epidemiológica, o conceito sartriano de universal singular, cunhado em *Questão de método* e retomado na *Crítica da Razão Dialética* (Sartre, 1957/1979, 1960/2002), oferece uma ferramenta analítica: todo indivíduo totaliza em si a universalidade do seu tempo histórico (o contexto macroeconômico, a crise sanitária global, o racismo e o sexismo estruturais) e, simultaneamente, re-exterioriza essa universalidade a partir de sua particularidade (sua história de vida, classe e gênero). O estudante não sofre os impactos da pandemia de forma abstrata; ele os interioriza a partir do seu lugar no mundo.

Dialogando com essa ontologia, a literatura de apoio introduz o conceito de "sofrimento ético-político" (Sawaia, 2001, p. 100): a desigualdade social atua como ameaça à existência, produzindo um sofrimento que afeta os nexos entre corpo, mente e sociedade, cuja gênese não está apenas na biologia individual, mas nas intersubjetividades delineadas pela exclusão social. A dialética do adoecimento revela-se de forma trágica quando o universal reduz as possibilidades do singular. Um estudo correlato (Cantele *et al.*, 2024), ao analisar uma amostra de perfil semelhante, sublinha que alterações nas rotinas, como o corte de bolsas de pesquisa e o fechamento dos refeitórios, impactaram sobremaneira os estudantes mais carentes, atravessados por marcas interseccionais. Validando essa reflexão, a literatura complementar (Costa; Nebel, 2018) destaca que a própria estrutura acadêmica, com sua cultura de alta performance, já atua como fator que individualiza e culpabiliza o fracasso. Assim, quando os estudos-base (Oliveira *et al.*, 2023; Silva *et al.*, 2025) relatam altas taxas de insônia e ideação suicida entre as minorias, trata-se da somatização de uma totalização excludente: o estudante vulnerável reage a um campo prático-inerte que lhe é historicamente hostil.

A partir dessa articulação teórico-clínica, é possível apontar lacunas no conhecimento científico sobre o tema. A literatura reunida nesta revisão concentra-se, em sua maioria, em delinear perfis epidemiológicos a partir de métodos e escalas psicométricas quantitativas (Rodrigues *et al.*, 2025; Silva *et al.*, 2025; Moura *et al.*, 2025). Falta à literatura um volume mais robusto de pesquisas qualitativas e longitudinais que investiguem a vivência subjetiva contínua e a construção do universal singular desses grupos marginalizados.

A ontologia existencialista reforça essa lacuna ao evidenciar que os dados estatísticos, isoladamente, não capturam a síntese afetiva e a forma como o sujeito reinventa seu projeto de ser diante da adversidade. O entendimento do estudante em sua totalidade exige, portanto, que as

universidades superem abordagens puramente medicalizantes. Como sugere a literatura de suporte, é relevante promover ações que ampliem a humanidade em contraponto às vivências reprodutoras de exclusão (Oliveira; Gomes, 2019). As políticas de permanência estudantil no pós-pandêmico precisam ser desenhadas não para um aluno abstrato, mas respondendo às interseccionalidades concretas de classe, raça e gênero, garantindo que o retorno presencial resgate a universidade como autêntico espaço de liberdade e saúde.

CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa permitiu sintetizar e analisar a produção científica sobre o sofrimento psíquico de estudantes universitários no período pós-pandêmico, respondendo à questão norteadora à luz da fenomenologia existencial sartriana. Conclui-se que a declaração do fim da emergência sanitária não correspondeu à extinção do sofrimento psíquico dessa população, que continua a apresentar prevalências elevadas de ansiedade, depressão e estresse.

Sob a ótica da ontologia de Sartre, esse adoecimento contemporâneo não se restringe a uma disfunção biomédica, mas configura-se como resposta a uma crise existencial: a pandemia atuou como facticidade impositiva que retraiu o campo de possíveis dos estudantes, reduzindo sobretudo suas perspectivas profissionais, e o impedimento da realização do projeto de ser encontra-se na base desse sofrimento.

Na dimensão histórico-social, o ensino remoto emergencial e o isolamento prolongado impuseram uma coletividade adoecedora marcada pela serialidade, ainda que essa mediação tecnológica não se tenha revelado uniformemente alienante. Como contraponto, os fatores de proteção identificados, como o suporte psicossocial e o vínculo com pares e orientadores, refletem a necessidade ontológica de formação de um grupo em fusão, capaz de dissolver a inércia da série e resgatar o sentido de pertencimento coletivo.

O impacto da crise também não foi homogêneo, atingindo com maior gravidade alunas do sexo feminino, minorias sociais e estudantes em vulnerabilidade socioeconômica; pela categoria do universal singular, compreende-se que cada acadêmico interioriza a totalidade de seu contexto a partir de sua materialidade singular, re-exteriorizando as opressões estruturais sob a forma de adoecimento.

Como lacuna do conhecimento científico, destaca-se o excesso de delineamentos e escalas quantitativas que, frequentemente, fragmentam o sofrimento e investigam o estudante de forma

isolada, sendo premente a realização de pesquisas qualitativas e longitudinais capazes de acompanhar a reabertura do campo de possíveis ao longo do tempo. Por fim, as instituições de ensino superior precisam transcender abordagens medicalizantes e individuais: o enfrentamento dessa crise exige políticas públicas de inclusão e permanência que reconheçam as interseccionalidades dos discentes, resgatando a universidade como espaço de saúde e de viabilização de projetos de futuro. Como limitação deste estudo, destacam-se a triagem e a leitura integral conduzidas por um único revisor, a busca restrita a três bases de dados, e por conseguinte, a amostragem selecionada, o que pode ter deixado de captar estudos relevantes indexados em outras fontes.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, R. N. de; FRANÇA, T. A. de; CAMARGO, H. D. Prevalência da nomofobia entre acadêmicos de Enfermagem. **HU Revista**, v. 49, p. 1-8, 2023. <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2023.v49.42112>.
- ALVARENGA, M. A. S. *et al.* Estudo longitudinal sobre saúde mental de estudantes universitários e a pandemia de COVID-19: comparações e perspectivas. **Revista Interamericana de Psicología / Interamerican Journal of Psychology**, v. 57, n. 1, e1838, 2023. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v57i1.1838>.
- ALVES, B. de O. *et al.* Afetividades negativas em universitários e relação com desempenho acadêmico e perspectiva profissional após a COVID-19. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, 2024. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2024-0040>.
- BALDASSARINI, C. R. *et al.* Estressores e facilitadores na adaptação de mestrands e doutorandos à pós-graduação. **Vínculo**, v. 22, p. 1-15, 2025. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v22na8>.
- BARROS, G. M. M. de *et al.* Os impactos da pandemia do COVID-19 na saúde mental dos estudantes. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, e47210918307, 2021. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18307>.
- BIANCHI, G. C.; MIASSO, A. I. Fatores associados aos transtornos mentais comuns, risco suicida e uso de estimulantes em estudantes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 78, n. 6, e20240501, 2025. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2024-0501>.
- CANTELE, J. *et al.* Expectativas de futuro de estudantes de graduação e pós-graduação após a pandemia de COVID-19. **Revista Subjetividades**, v. 24, n. 2, e13995, 2024. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i2.e13995>.
- CORDEIRO, K. M. de A. **O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário IDAAM, Manaus, 2020.

CORREIA, K. C. R. *et al.* Saúde mental na universidade: atendimento psicológico online na pandemia da COVID-19. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e245664, 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003245664>.

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis**, v. 17, n. 50, p. 207-227, 2018.

COSTA, P. H. A. da; MENDES, K. T. Saúde mental em tempos de crise e pandemia: um diálogo com Martín-Baró. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 13, n. 1, p. 217-231, 2021. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i1.1367>.

FARIAS, B. R. de. A clínica em tempos de serialização: subjetividade, ética e vida democrática. In: FARIAS, B. R. de *et al.* (org.). **Existencialismo, clínica e situações contemporâneas**. Rio de Janeiro: Círculo de Giz, 2026. p. 155-175.

FREITAS, S. M. P. de. **Psicologia existencialista de grupos e da mediação grupal: contribuições do pensamento de Sartre**. Curitiba: Appris, 2018.

LIRA, L. do R.; FERREIRA, I. D.; CARVALHO, A. E. V. Efeitos da pandemia de COVID-19 em amostra de universitários da saúde no Norte do Brasil. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 16, e16182554, 2024. <https://doi.org/10.20435/pssa.v16i1.2554>.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, p. 1-8, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.

MENA, A. L. S. *et al.* Estratégias de enfrentamento e fatores da ideação suicida pós-pandemia em estudantes de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 79, e20250112, 2026. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2025-0112>.

MOURA, C. de C. *et al.* Características definidoras preditoras de transtornos mentais em estudantes de graduação na era pós-COVID-19: estudo multicêntrico transversal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 33, e4671, 2025. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.7741.4671>.

OLIVEIRA, A. A. S. de; GOMES, L. M. L. S. Limites e avanços da política de permanência: implicações para afetos e vivências no ensino superior. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2019. <https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51564>.

OLIVEIRA, E. N. *et al.* Transtorno de estresse pós-traumático e fatores protetores da saúde mental durante o contexto pandêmico. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 7, p. 3448-3463, 2023. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i7.2023-013>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. Brasília, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 8 jul. 2026.

RICARDO, L. M. da S.; BORIS, G. D. J. B. A experiência de ser adolescente na pandemia de

COVID-19 sob a perspectiva fenomenológica de Sartre. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 46, e284710, 2026. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003284710>.

RODRIGUES, Y. M. *et al.* Depressão, ansiedade e estresse em universitários e relação com fatores sociodemográficos e psicossociais pós-COVID-19. **Cogitare Enfermagem**, v. 30, e96208, 2025. <https://doi.org/10.1590/ce.v30i0.96208>.

SANTOMAURO, D. F. *et al.* Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. **The Lancet**, v. 398, n. 10312, p. 1700-1712, 2021. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)02143-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)02143-7).

SARTRE, J.-P. **Crítica da razão dialética**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, J.-P. **Questão de método**. Rio de Janeiro: Difusão Editorial, 1979.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 97-118.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SILVA, E. P. da *et al.* Sofrimento psíquico e fatores associados em estudantes universitários. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 33, n. 3, e33030013, 2025. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202533030013>.

SILVA, S. M.; ROSA, A. R. O impacto da COVID-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Prâxis**, v. 2, p. 189-206, 2021. <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2446>.

VALDUGA, T. L. *et al.* Pós-pandemia COVID-19: a saúde mental e o bem-estar dos estudantes de Serviço Social. **Trabalho Social Global – Global Social Work**, v. 13, p. 66-91, 2023. <https://doi.org/10.30827/tsg-gsw.v13.28434>.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; AMORIM, L. S. de. Experiências de Arteterapia com universitários no pós-pandemia. **REVISA**, v. 14, n. 2, p. 1429-1439, 2025. <https://doi.org/10.36239/revisa.v14.n2.p1429a1439>.

VASCONCELLOS, A. N. Com Sartre para além de Sartre: pensando a re-fusão grupal a partir da práxis de um movimento social. In: FARIAS, B. R. de *et al.* (org.). **Existencialismo, clínica e situações contemporâneas**. Rio de Janeiro: Círculo de Giz, 2026. p. 281-299.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health and COVID-19: early evidence of the pandemic's impact**. Scientific brief. Geneva: World Health Organization, 2022.